



Plínio Junqueira Smith¹

Celso Favaretto educador: um depoimento

Não é a primeira vez que tenho a oportunidade de reconhecer publicamente a importância decisiva que Celso Favaretto teve na minha trajetória filosófica, mas esta é a que faço com mais alegria, pois estamos comemorando os seus 80 anos. Celso foi meu professor quando entrei no curso de filosofia da PUC-SP em 1982. Eu tinha apenas 17 anos, pretendia ser físico e pensava a filosofia somente como o meu segundo curso, “para não ficar bitolado”, como se dizia naquela época. Além de uma formação em ciências exatas, eu também queria uma em humanidades. Porque sempre gostei muito de literatura e queria ser escritor, estudar letras era minha preferência, mas por influência do meu amigo José Alfredo dos Santos Abrão acabei fazendo filosofia. De manhã e à tarde, então, eu fazia física na USP; à noite, ia para o curso básico da PUC-SP. Era estressante; na verdade, era impossível estudar adequadamente para os dois cursos e, no final do primeiro ano, tive de optar por um deles. As duas disciplinas específicas de filosofia do curso básico eram dadas pelo Celso e pelo Oswaldo Giacoia e, por causa de suas aulas, decidi dedicar-me exclusivamente à filosofia.

No prédio velho da PUC-SP, com a sala cheia, lembro-me do Celso interrompendo um raciocínio para acender o cigarro no canto da boca, inclinando a cabeça para o lado, semicerrando os olhos miúdos, olhando de soslaio, como que passando por fora da lente dos óculos redondos e, depois, retomando o fio da meada. Era um momento para criar suspense, todos ficavam esperando o arremate. Era outro

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: plinio.smith@gmail.com.

mundo: fumava-se em sala de aula, num avião fechado, até em hospitais. O Brasil deixava a ditadura para trás e rumava para a democracia. Eu estava entrando no mundo da filosofia e quem me abriu as portas para esse mundo da razão foi o Celso. Celso falava justamente da passagem do mito à razão: lemos Nietzsche (eu lia o *Zaratustra* nas aulas de física), Vernant, Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Roland Barthes, entre outros autores. Mas o mito, dizia Celso, não é só coisa do passado, está presente entre nós. E dava um exemplo: “não faz muito tempo, uns alunos vieram me pedir emprestado os óculos para fazer uma prova. Eu não estava entendendo e perguntei por quê. Eles, então, responderam: ‘é porque você já leu tanto que passou muito conhecimento por essas lentes’. Vocês estão vendo”, Celso dizia animado e divertido, “isso é pensamento mítico!”.

Embora sempre cheio de obrigações, muitas vezes eu chegava mais cedo na PUC-SP e não raro passava na salinha da filosofia, no corredor entre a rua Cardoso de Almeida e a rua Monte Alegre. O Celso, que era chefe de departamento, se não me falha a memória, estava infalivelmente lá. Havia uma mesa de frente para a porta de entrada, um pouco mais ao fundo, e outra de lado, logo na entrada. Grudado na parede, um grande armário de madeira meio acinzentado e entalhado. Lembro-me do Oswaldo lendo concentrado os enormes volumes do Heidegger sobre o Nietzsche na mesa lateral, enquanto o Celso trabalhava na outra mesa e conversava com quem aparecia por ali, como eu. O armário estava sempre fechado e eu ficava imaginando quantos e quais livros estariam guardados ali. Até o dia em que o Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento (que viria a ser meu professor no ano seguinte sobre Tomás de Aquino) chegou mais cedo e, enquanto falava de uma visita a familiares no interior (de Minas Gerais?), abriu o armário. Para a minha surpresa, quase não havia livros. Mas havia duas garrafas de cachaça artesanal que ele trouxera dessa visita (um primo conhecia um excelente alambique na região) e ele foi logo oferecendo um trago para os presentes. Mais um pensamento mítico. Celso gostava de dizer que aquela sala do departamento de filosofia tinha sido um banheiro antes e que, como não havia lugar para todos os departamentos, reformaram o banheiro para que a filosofia pudesse se instalar ali. E, com sua ironia e humor habitual, completava: “É o lugar certo para o departamento. Heráclito dizia que a filosofia nasce das fezes”. Outro pensamento mítico. Nunca vi Heráclito dizer isso, mas sempre acreditei na palavra do Celso.

Uma vez, rabisquei algumas ideias no papel e dei para o Celso ler. Na semana seguinte, voltei ansioso para ouvir o que ele tinha a dizer. Ele fez alguns comentários sobre o conteúdo do texto, mas o que me marcou foi a observação mais geral que ele fez: “nunca deixe de pensar por conta própria e de escrever o que você pensa”. Essa observação foi decisiva na minha vida; no primeiro texto de reflexão pessoal que

escrevi, dei ao Celso o merecido crédito. Porque, quando desisti definitivamente do curso de física, na metade do segundo ano, e me transferi do departamento de filosofia da PUC-SP para o da USP, levei comigo essa ideia fundamental: a filosofia era, antes de tudo, uma aventura da reflexão; pensar por conta própria e discutir com um amigo era uma alegria e meu propósito principal. Quando entreguei o trabalho de final de semestre, eu abri e fechei com alguns versos de poemas do Alberto Caeiro. Celso conversou longamente sobre esse trabalho comigo. Eu tinha pensado uma coisa, ele tinha entendido outra; ele me explicou como tinha visto a relação do meu trabalho com a poesia. Foi quando aprendi o que G. K. Chesterton tinha dito com tanto humor, no seu jeito paradoxal de se expressar: “você não sabe o que diz, até que sabe o que não diz”. Por essa época, Celso conheceu meu amigo Zé Alfredo e, desde então, um sempre me pergunta do outro.²

Tive também bons professores nas disciplinas comuns do básico. Em português, a professora Maria dos Prazeres tinha sido minha professora no último ano do ginásio (hoje, fundamental II), a “Dona Prá”, como nós a chamávamos. Wellington, o professor de PFTHC (Problemas Teológicos e Filosóficos do Homem Contemporâneo), nos fez ler Hannah Arendt (*A condição humana*) e William Reich (*O assassinato de Cristo*). O professor de psicologia usou um livro do Erik Erikson sobre psicologia do adolescente. A Cláudia, de Antropologia, nos fez ler mais Lévy-Strauss (e, por isso, eu fui ler um pouco sobre Saussure) e propôs alguns temas de trabalho em grupo. Meu grupo escolheu Tropicalismo e, então, li o excelente livro do Celso: *Tropicália: alegoria, alegria*, que rapidamente se tornou um clássico. Não tenho competência para falar sobre o livro, mas foi quando conheci o Celso filósofo e senti a profundidade e a criatividade de sua reflexão estética e sobre a cultura.

Já como aluno do departamento de filosofia da USP, passei a frequentar o apartamento do Celso, em Santa Cecília. De vez em quando eu telefonava para ele e ia lá, em geral após o jantar, mas às vezes para jantar. Ficávamos conversando até tarde da noite, mas não muito, quando eu voltava para casa. A Sônia, sua mulher, sempre muito simpática e sorridente, aparecia para conversar um pouco; me contava como eles se conheceram numa fila, ela puxando conversa com ele. O Bruno, filho deles, ainda pequeno, tinha um gato, o Tuno, que às vezes vinha para o meu colo.

Numa dessas conversas, Celso já me alertara sobre a pouca confiabilidade de Fernando Henrique Cardoso, de forma que sempre fiquei com um pé atrás em relação ao futuro presidente (hoje ex-presidente). Também me lembro de, discutindo política, ele terminar uma ideia com um “se existir algo como uma esquerda democrática”.

² Agradeço ao Zé Alfredo, que leu uma versão prévia deste depoimento. Aproveito para enviar ao Celso o abraço que o Zé me pediu para enviar-lhe.

Passei a prestar mais atenção no autoritarismo de certa parte da esquerda e a tentar conjugar uma posição que fosse simultaneamente de esquerda e democrática. Parecia-me que era isso que o PT tentava construir. Outra vez, conversando sobre cinema, falamos do William Wyler, porque passaria um filme dele com o Kirk Douglas de madrugada. Celso elogiou muito o William Wyler. Fui para casa e assisti ao filme; depois, eu ainda veria muitos outros filmes desse grande diretor. Celso, numa dessas noites, confessou-me que já não fazia questão de ouvir toda a produção de um músico, que lhe bastava ouvir uma boa seleção, o essencial. Eu gostava de escrever contos e dei para ele ler alguns contos, os quais ele leu e comentou, criticando muitas coisas e elogiando algumas. Uma vez, Celso me contou que estava engordando, mas que tivera um problema grave de saúde, acabou por emagrecer e nunca mais voltou a engordar. Acho que um dos assuntos sobre os quais conversávamos era saúde e os cuidados com o corpo. Ele dizia que, às vezes, tomar um pouco de leite morno fazia dormir melhor e, então, me contava algo sobre a sua infância no interior. Eu ia, assim, aprendendo com ele de tudo: filosofia, política, literatura, arte, mas confesso que eu nunca soube muito bem o que ele via em mim, um cético interessado em epistemologia.

Celso saiu da PUC-SP e foi para o departamento de educação da USP. Então, como fiz licenciatura, voltei a ser aluno dele. Foi um excelente curso sobre filosofia do ensino da filosofia. Lemos e discutimos vários artigos: do Lebrun, do Bento Prado Jr., do Rubens Rodrigues Torres Filho, entre outros. O mais importante nesse curso era seu caráter deliberadamente investigador, reflexivo. Celso não estava, ao menos não parecia estar, muito interessado em ensinar um determinado conteúdo. A ideia era, partindo de bons textos de filósofos, colocar os alunos para discutirem uma concepção do ensino da filosofia. Lembro-me particularmente do texto do Lebrun, dizendo que as pessoas esperam da filosofia uma verdade ou um discurso que justifique suas práticas previamente decididas. Lebrun fazia a crítica dessas pessoas, para quem a filosofia não passaria de um instrumento para a ação. Também ficou na minha memória a feliz expressão do Rubens ao nos chamar de “filo-filósofos”, já que a modéstia inicial do termo “filósofo” se perdeu e nós só faríamos história da filosofia. Com habilidade e firmeza, Celso conduzia as instigantes discussões.

Fui morar em Curitiba, no exterior, casei, tive filho, voltei para São Paulo, separei, casei de novo, tive outros filhos, mudei de emprego duas vezes, fui morar no exterior outra vez, voltei. Nunca perdi o contato com o Celso, embora a assiduidade tenha diminuído. Quando eu era coordenador do Programa de Pós-graduação da Universidade São Judas Tadeu, convidei-o para ministrar uma aula inaugural. Reservei o auditório grande e, embora houvesse um bom número de pessoas, parecia

um tanto vazio (acho que a capacidade era para 500 pessoas). Sentamo-nos numa mesa colocada no palco e Celso começou a sua aula. Foi a segunda vez em que vi o Celso filósofo em ação. Ele havia preparado a sua aula com esmero. Era uma aula densa, profunda e rica. Eu mesmo tive de prestar muita atenção para tentar entender o que ele dizia. Não porque Celso usava um vocabulário confuso ou obscuro, mas porque a matéria era, em si mesma, difícil. Era uma verdadeira aula de como se faz filosofia. Era uma reflexão original e brilhante sobre a cultura brasileira. Eu ainda fiz algumas visitas ao Celso. Numa delas, quando eu já era professor da Unifesp, Celso me mostrou e elogiou uns discos do Henry Burnett, meu colega de departamento, que tinha feito um pós-doutorado com ele.³

Na festa da minha livre-docência, fiz questão de convidar o Celso, que veio comemorar comigo, quando as pessoas podiam se encontrar num bar e beber alegremente jogando uma conversa fora. Outro mundo, um mundo anterior à pandemia, um mundo no qual o obscurantismo e o negacionismo não reinavam e sonhar com uma esquerda democrática era possível. Hoje, sou eu quem comemora os seus 80 anos com essas lembranças que ainda trago tão vivas na memória, infelizmente confinado em casa, sem poder dar um abraço “presencial” no Celso.

© 2021 Plínio Junqueira Smith. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).

³ Aproveito para agradecer ao Henry por ter me convidado para escrever este depoimento, justamente quando eu ouvia o seu ótimo disco “Não para magoar”, cuja sonoridade me lembrou, ao mesmo tempo, Caetano Veloso e Pink Floyd. Agradeço também por ele ter lido e comentado uma versão prévia.